

## Unamuno: Vida de Dulcinea do Toboso.

Prof. Dr. Esteban Reyes Celedón Autor<sup>1</sup> (UFF)

### Resumo:

*O livro “Vida de Dom Quixote e Sancho”, de Miguel de Unamuno, é, de certa forma, uma mistura de exegese e reescritura do Quixote de Cervantes e suas personagens, Dom Quixote e Sancho Pança. Unamuno redesenha as figuras do Cavaleiro e seu escudeiro, ressaltando a coragem do primeiro e os medos do segundo. Nessa obra, o escritor basco, que considerava o Quixote a manifestação do espírito e da essência histórica do povo espanhol, pôs em evidência a riqueza do Quixote como fonte de múltiplas leituras e interpretações. A presente comunicação pretende analisar o papel de relevância da quase religiosa Dulcinea de Unamuno e verificar se é possível falar de uma “Vida de Dulcinea do Toboso”.*

**Palavras-chave:** Cervantes, Quixote, Unamuno, Dulcinea

### Introdução

Começamos pelo ano de 1905, foi uma data eminente para a história da crítica sobre a grande obra de Miguel de Cervantes Saavedra: *O engenhoso fidalgo Dom Quixote da Mancha*. Refere-se às comemorações do terceiro centenário do lançamento da primeira parte do clássico cervantino. Do mesmo modo que aconteceu recentemente com o quarto centenário, com antecedência prepararam-se inúmeras atividades para os devidos festejos que se prolongaram por todo esse ilustre ano (ilustre, pelo menos, para toda a nação cervantina ou quixotesca), acompanhados de uma enorme quantidade de publicações sobre Cervantes e sua obra, com preponderância evidente para o *Quixote*.

É nesse clima (ou clímax) que aparece, por coincidência, ou acaso segundo o autor (UNAMUNO, 1913, 19), o livro *Vida de Dom Quixote e Sancho*, do filósofo e escritor basco Miguel de Unamuno, considerado corolário da interpretação romântica do *Quixote*. No século XIX, o *Quixote* foi lido de uma maneira bem singular pelos chamados românticos alemães - Frederick Schlegel considerava Dom Quixote uma personagem romântica e Cervantes um criador original comparável a Shakespeare ou Goethe; A. W. Schlegel considerava, simbolicamente, a dupla Quixote-Sancho como a encarnação da poesia e da prosa da vida; já Schelling via no *Quixote* a antinomia entre o ideal e o real, entre o espírito e a matéria, entre corpo e alma -. No trabalho de Unamuno, há uma valorização do texto em detrimento do manco de Lepanto (Cervantes), chegando-se a admitir que a história do Cavaleiro Andante fosse real e verdadeira, e que teria sido o mesmo Dom Quixote que, transvertido em Cide Hamete Benengeli, a teria ditado a Cervantes, a quem o escritor basco considera incapaz de escrever uma obra tão relevante. Pensamento semelhante tem Blanchot sobre a *Odisseia*: Ulisses precisou viver o acontecimento e a ele sobreviver para se tornar Homero, que o narra (BLANCHOT, 2005, 8).

Numa carta a seu amigo Pedro de Múgica, a 28 de junho de 1904, Unamuno confessa-lhe: considero o *Quixote* como uma obra eterna, sem autor e separada da época em que foi escrita. E numa outra carta de 1905: em vez de comentar douta, documental e eruditamente seu *Quixote*, escrevo (faço) o meu - Apud Ricardo Gullón na introdução à edição de *Vida* -. Como se isso não bastasse, Unamuno, no Prólogo do autor à terceira edição de *Vida*, dezembro de 1930, afirma que alguns problemas e mal-entendidos da obra são conseqüências da falta de domínio da língua árabe por parte de Cervantes, que não soube fazer uma tradução apropriada, chegando a declarar que sua interpretação, ou seja, a de Unamuno, é a mais fiel por ele ser um bom conhecedor daquela língua (UNAMUNO, 1987, 23).

## **1 Unamuno e o *Quixote***

O livro de Unamuno é, de certa forma, uma mistura de exegese e reescritura (para utilizar um vocabulário atual) do *Quixote* de Cervantes e suas personagens, Dom Quixote e Sancho Pança. Dividido em capítulos e seus respectivos títulos, em consonância e ressonância com seu homônimo trissecular (na época da primeira edição), vai redesenhando as figuras do Cavaleiro e seu escudeiro, ressaltando a coragem do primeiro e os medos do segundo. Interessante notar que nem todos os capítulos são reescritos, sendo condenados vários deles ao silêncio, incluindo (ou melhor, excluindo) a famosa e suposta apócrifa aventura da cova de Montesinos. Essa obra de Unamuno, que considerava o *Quixote* a manifestação do espírito e da essência histórica do povo espanhol, pôs em evidência a riqueza do *Quixote* como fonte de múltiplas leituras e interpretações - não podemos deixar de perceber a semente de Unamuno inclusive em reflexões recentes como, por exemplo, a de Carlos Fuentes quando afirma que haverá múltiplas leituras possíveis que botam à prova os vários níveis da realidade (FUENTES, 1994, 96) -, inclusive suscitando o espírito romântico de vários críticos e intérpretes cervantinos, principalmente, na primeira metade do seu século.

Unamuno, no seu livro *Do sentimento trágico da vida*, já nos advertia: escrevi para repensar o *Quixote* contra cervantistas e eruditos, para fazer obra de vida do que foi e segue sendo, para muitos, letras mortas; o vivo é o que cada um de nós descobre, independente dos propósitos de Cervantes (UNAMUNO, 1982, 256). A vida está na eterna criação, na reescritura, nas múltiplas leituras e interpretações. Porque a vida não é, acontece. A vida está, está no devir. O livro não é vida, é inércia; o livro ainda é um livro por vir, ou seja, ainda não é, e talvez nunca o seja. A leitura é movimento, ação, criação, devir, vida; a leitura como devir vida. A reescritura como possibilidade de um eterno devir, um movimento que ao mesmo tempo se aproxima e se afasta do livro primeiro, como esse eterno retorno dos gregos, mas um eterno retorno da diferença. A reescritura, e podemos considerar *Vida de Dom Quixote e Sancho* uma reescritura, é uma espécie de eterno retorno à obra original, só que um retorno diferente, o retorno da diferença.

A reescritura deve ser isso, um jogo, uma brincadeira, uma cumplicidade entre duas obras. Note-se o detalhe: obras, não autores. Unamuno se considerava um quixotista não um cervantista. Ele estava interessado e enfeitiçado pelo *Quixote*, não por Cervantes. Alguém estará se perguntando: então, por que se fala tanto de Unamuno? Bem, porque este trabalho não pretende ser uma reescritura de *Vida*. Talvez, seja um primeiro movimento de aproximação e afastamento; talvez, no futuro, isso se transforme numa reescritura falando de *Vida* independente do que falou seu primeiro autor; talvez esta seja a semente de uma *Vida de Dulcinea da Glória*.

Porém, neste momento, devemos voltar a Unamuno e a seus textos. No mesmo ano de 1905, no mês de abril, se publicava por primeira vez o ensaio *Sobre a leitura e interpretação do Quixote*. Nesse interessante trabalho, o escritor basco expõe com clareza suas idéias sobre a independência entre a obra e seu criador. Para ele, o *Quixote* não é do seu autor, mas bem seria de todos seus leitores. Cervantes teria extraído a Dom Quixote (assim como a Sancho) da alma do seu povo e da alma de toda a humanidade, conseqüentemente, o Cavaleiro pertence a toda Espanha, a toda a humanidade. Por mais que Cervantes tenha aposentado sua pena para nunca mais escrever outras aventuras e peripécias da imortal dupla, Dom Quixote ressuscitou-se a si mesmo e agora anda pelo mundo aprontando (UNAMUNO, 1958, 1230-1231).

Cervantes se diz padraço do *Quixote*, Unamuno concorda. O livro e a personagem têm muito mais da mãe que do pai ou padraço. Cervantes não passou de um mero instrumento para que a Espanha do século XVI parisse Dom Quixote. Esse seria mais um caso típico onde a obra é infinitamente superior ao seu criador. Se Cervantes voltasse a este mundo, seria cervantista e não quixotista, afirma o escritor basco. Aliás, a todos nós, leitores e pesquisadores, falta-nos quixotismo e sobra-nos cervantismo.

Porventura, não teria sido mais vantajoso se não conhecêssemos sequer o nome do autor do *Quixote*, sendo nosso livro uma obra anônima? Desse modo, seria mais fácil dedicarmos-nos ao que realmente tem relevância. Infelizmente, sabemos muito bem quem foi o autor do clássico, sabemos que ele existiu, mas também sabemos que ele está morto, porém, seu livro, nosso querido livro, está vivo, está vivo em nós, em nossas leituras. Nesse caso, sejamos quixotistas, e também, adverte-nos Unamuno, sancho-pancistas. Lembrando que, se Dom Quixote esteve apaixonado pela sem par Dulcinea, não menos o esteve do seu fiel escudeiro (UNAMUNO, 1958, 1237). Vamos, então, à obra, às personagens.

## **2 Vida de Dom Quixote e Sancho**

Unamuno vê no *Quixote* a manifestação da alma, mais do que do corpo; o nosso clássico seria muito mais uma obra espiritual do que material. Assim sendo, está mais preocupado com as personagens do que com o livro. Resolve, pois, escrever sobre o Cavaleiro e seu Escudeiro; decide falar-nos das suas vidas; contar, e por que não cantar, a *Vida de Dom Quixote e Sancho*.

Apresentam-nos, desde o início, um Dom Quixote sem memória, sem linhagem, sem nascimento. Só sabemos que tem 50 anos e mora em algum lugar da Mancha. Trata-se de um indivíduo sisudo e com juízo, que enlouquece de maturidade de espírito. Um homem estético que assumiu como verdadeiro aquilo que era belo. Sai pelos campos áridos da Mancha em busca de aventuras, pois, “nem só de pão vive o homem” e só é verdadeiramente homem aquele que deseja ser mais que homem, um super-homem talvez. Viu a necessidade de ter uma dama por quem se apaixonar. Na imagem de Aldonza Lorenzo, moça lavradeira, encarnou a Glória e a chamou de Dulcinea do Toboso – se bem que Unamuno prefere chamá-la de princesa Dulcinea da Glória -.

Com seu olhar estético e espiritual consegue enxergar beleza nas coisas e pessoas mais simples dessa mundana terra de pecados. É assim que no seu primeiro dia como andarilho acredita ver castelo onde há uma simples venda e duas formosas donzelas onde os outros vêem rameiras, assim como Jesus viu humanidade e pureza em Maria Madalena. Lamentavelmente, nosso Cavaleiro não tem sucesso na sua primeira saída. Por isso, na segunda vez, decide “levar a humanidade consigo”; agora vai acompanhado por quem se tornaria seu fiel e eterno escudeiro, Sancho Pança. Claro que seu companheiro demora um pouco em aprender a ser um verdadeiro escudeiro espiritual. Por ocasião da batalha contra os gigantes, Sancho, por medo, prefere ver moinhos de vento onde há desafiados gigantes que tanto mal semeia no mundo. Não há problema, dêem-lhe tempo ao aprendiz, aos poucos se irá quixotizando.

Em *Vida*, se apresenta a Dulcinea como a personificação da procura pelo espírito do Homem e da alma de Espanha. Dom Quixote é o homem que enlouquece por pura maturidade de espírito, pois não pensa apenas com a cabeça, pensa com todo o corpo e toda a alma. Dom Quixote, ao contrário de dom Juan (egoísta e possessivo), se entrega sem esperar que Dulcinea se entregue, todas as suas conquistas são para depositá-las aos pés de sua amada. O *Quixote* é um livro divino, espiritual e Dom Quixote é o missionário da verdade que faz viver, daquela que faz pensar, não é um filósofo ou homem de palavra, é um mártir, um herói, um homem de ação. E mesmo quando não pode mais ser cavaleiro andante e decide ser pastor, continua sendo Dulcinea a sua amada, pois muda o caminho, mas não muda a estrela que o guia.

O amor espiritual de Dom Quixote origina uma transformação: Aldonza Lorenzo desaparece e é substituída pela bela princesa Dulcinea da Glória. A descrição de Sancho (I, 25) e o encanto de Dulcinea (II, 10) representam os ataques da realidade contra o mito cavaleiroso; mas, com a força da sua fé, Dom Quixote os derrota.

### **3 Dulcinea da Glória**

No capítulo XIII, que no *Quixote* conta a história da pastora Marcela e de passo, o Cavaleiro satisfaz a curiosidade de Vivaldo descrevendo-lhe a sua imaginária amada, em *Vida de Dom Quixote e Sancho* somente se descreve a Dulcinea da Glória. Afirma-se que no amor a uma mulher reside o desejo de imortalidade. Dom Quixote sabendo disso, uniu em Dulcinea à mulher e à Glória. Como não podia ou não incumbia perpetuar-se por ela em filhos de carne, procurou eternizar-se por ela em façanhas e aventuras de espírito. Homem casto e continente, o fidalgo não engendrou na lavradeira filhos carnaís, contudo, o Cavaleiro engendrou em Dulcinea filhos espirituais e, por conseguinte, eternos. Alonso amou a Aldonza com aquele amor platônico, Dom Quixote amou a Dulcinea com amor cavaleiroso. Nosso Paladino não foi de galã ao Toboso a procura de aventuras amorosas, preferiu sair pelo mundo a conquistá-lo para ela. Sem dúvida, o enamorado Cavaleiro amou, entretanto amou a Glória encarnada em mulher.

Quantas Dulcineas da Glória há no mundo que não conhecem a maternidade e morrem sem sequer suspeitar que engendraram tantos atos heróicos? Quantos beijos morreram sem ter nascido? Quantos abraços partiram sem nunca ter chegado? Quantos lábios órfãos? Quantos peitos desamparados? E por outro lado, quantos carinhos e afagos que não encontraram guarida e se perderam no vento?

Assim como na Filosofia Platônica a beleza dos corpos é o início da ascensão às Idéias e o verdadeiro fim é o Bem, a flor, nata e espuma da andante cavalaria está mais preocupado em fazer o bem a todos e o mal a ninguém. Assim como o Sócrates do *Banquete*, nosso Cavaleiro não está interessado em aventuras eróticas (corporais), chegando ao cúmulo de fugir das mulheres, como foge o amedrontado Sancho de um javali ou Sócrates de Alcibiádes. Há quem afirme ser esta a única aventura que Dom Quixote teme, a aventura amorosa carnal. Unamuno jamais diria isso, a questão é espiritual. Aliás, para ele pouco importam as outras descrições da Dama e os eventuais encontros entre o Cavaleiro e sua suposta Amada, que acontecem na *Segunda Parte do Quixote*: a Dulcinea inventada por Sancho (II, 10); a sonhada pelo Paladino no interior da Cova de Montesinos (II, 23); a representada pelo pajem da Duquesa (II, 30-34).

Com relação ao capítulo 34 da *Segunda Parte*, onde se dá notícia de como desencantar a Dulcinea, a preocupação está em deixar claro que o sacrifício que Sancho terá que fazer (dar-se três mil e trezentos açoites nas próprias nádegas) tem seu valor por ser em nome de Dulcinea. A ela que o Escudeiro deve a perpetuidade de sua fama, mais que ao Cavaleiro. Fazer as coisas por Dulcinea, pela Glória, é a forma mais humana de realizar o seu/nosso trabalho. O amor à Glória, o desejo de desencantar a mais bela do Toboso, transforma os cardos em rosas e os espinhos em pétalas.

Para Unamuno, no final do ensaio *Sobre a leitura e interpretação do Quixote*, Cervantes não teve coragem de matar Sancho, muito menos de enterrá-lo, motivo pelo qual, para alguns, ele não teria morrido, e mais, seria imortal. Caberia ao Escudeiro dar prosseguimento à nobre missão cavaleirosa que seu Senhor iniciou. O dia chegará no qual veremos a Sancho o bom montado em Rocinante (que tampouco morrerá) e carregando as armas do seu Amo para fazer triunfar de uma vez o quixotismo na face da terra.

Assim, mais do que a quixotização de Sancho o que se vê no livro do escritor basco é a necessidade de quixotizar o mundo. Tanto Dom Quixote como Sancho Pança teriam a mesma incumbência: fazer de todos nós quixotistas, cavaleiros da ordem de Dom Quixote, senhores de Dulcinea, da Glória. Uma vida dedicada à Dulcinea, uma eternidade consagrada à Glória.

## **Conclusão**

Verifica-se que na obra de Unamuno, como na de Cervantes, por mais que a princesa dos sonhos do Cavaleiro seja mencionada ou designada inúmeras vezes, ela nunca aparece como personagem, só como referência. Inclusive, em *Vida de Dom Quixote e Sancho*, sequer há diálogos com Dulcinea ou suas representações (burlescas, oníricas ou mesmo falsas). Parece tratar-se de outra Dulcinea. De fato, recebe outra denominação: Dulcinea da Glória ou simplesmente Glória. Afigura-se como se fosse a alma sem corpo, só o lado espiritual. Quem sabe não se trate da própria vida, da parte imaterial da vida de Dom Quixote e Sancho, da vida quixotesca.

Conclui-se que ainda há de nascer o autor da *Vida de Dulcinea do Toboso*. Alguém que dê um corpo e uma voz a essa enigmática quase-personagem, àquele espírito chamado Dulcinea da Glória ou simplesmente Glória.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- [2] CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edição e notas de Francisco Rico (edición del IV centenario). Madrid: Santillana Ediciones Generales / Real Academia Española, 2004.
- [3] \_\_\_\_\_. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2002. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)> Acesso em: 30 out. 2006.
- [4] FUENTES, Carlos. *Cervantes o la crítica de la lectura*. México: Joaquín Mortiz, 1976. Madrid: Centro de Estudios Cervantinos, 1994.
- [5] PLATON. *Le Banquet*. Tradução, introdução e notas de Luc Brisson. Paris: Flammarion, 1998.
- [6] UNAMUNO, Miguel de. *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1987. (1ª ed. Madrid: Fernando Fe, 1905).
- [7] \_\_\_\_\_. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1913, 1982.
- [8] \_\_\_\_\_. “Sobre la lectura e interpretación del *Quijote*” in *Otros Ensayos, Obras Completas*, Tomo 1. ed. M. García Blanco, Afrodisio Aguado, Madrid, 1958, pp. 1227-1238.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> Esteban Reyes Celedón, Prof. Dr.  
Universidade Federal Fluminense, (UFF)  
[celedonesteban@yahoo.com.br](mailto:celedonesteban@yahoo.com.br)